Antônio Ismael da Silva Lima
Gílian Gardia Magalhães Brito
(Organizadores)

FILOSOFIA EM REDE

FILOSOFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

DIREÇÃO EDITORIAL: Willames Frank
DIAGRAMAÇÃO: Willames Frank
DESIGNER DE CAPA: Willames Frank
CORREÇÃO: Crislay Micaely Crisóstomo Maia/ Maria Lucivone de Aguiar Leite

2020 Editora PHILLOS ACADEMY
Av. Santa Maria, Parque Oeste, 601.
Goiânia-GO
www.phillosacademy.com
phillosacademy@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S339p

LIMA . Antônio Ismael da Silva; BRITO. Gílian Gardia Magalhães;
(Organizadores)

Filosofia em rede: Filosofia em tempos de pandemia [recurso digital]/ Antônio Ismael da Silva Lima; Gílian Gardia Magalhães Brito (Organizadores).– Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2021.

ISBN: 978-65-88994-17-7

Disponível em: http://www.phillosacademy.com
1. Filosofia. 2. Capitalismo. 3Pandemia. 4. Brasil.
5. Filosofia Política. I. Título.

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:
Filosofia 100

Capítulo 5

O MUNDO PÓS-COVID19: O QUE SERÁ O AMANHÃ?

Marcos Fábio Alexandre Nicolau[25]
Diala de Sousa Silva Nicolau[26]

FILOSOFAR O AMANHÃ?

A filosofia não é futurologia. Os autores clássicos da filosofia sempre nos indicaram que a mesma partiria de um estudo sobre o ser, ou seja, partiria de algo ao qual encontramos/confrontamos e que, nesse encontro, nos assombra, nos impacta, nos choca, pelo fato de não sabermos *o que é isso* que co-existe/com-vive conosco. A busca pelo saber, pelo captar da definição, do sentido, do significado do que encontramos diante de nossos olhos é o que move a filosofia e os pressupostos de toda e qualquer ciência. Após captarmos e compreendermos o que as coisas são, ou como vem a ser, aprimoramos esse conhecimento e o transformamos em técnicas e tecnologias aplicáveis à nossa melhoria de vida enquanto sociedade – ou pelo menos de alguns dessa sociedade. Mas o que importa nesse início é perceber que esse processo se dá a partir da análise de algo, seja isso um objeto, um fato ou um discurso. O pré-socrático Parmênides de Eleia[27] já alertara que do *não-ser*, daquilo não é, não nos é permitido falar (cf. PARMÊNIDES, 1998, p. 54-55). Não nos cabe pensar sobre algo que ainda não é, pois nada sobre isso poderíamos falar. E *sobre o que não se pode falar*, *deve-se calar*, já sentenciava o filósofo austríaco L. Wittgenstein[28]

[25] Doutor em Educação FACED/UFC. Bolsista Produtividade BPI/FUNCAP. Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia da UVA e do Mestrado Profissional em Filosofia da UFC/UFPR. E-mail: marcos_nicolau@uvanet.br.

[26] Mestranda em Filosofia pelo MAF/UVA. Graduada em Pedagogia pela UNIP. E-mail: dialanicolau@gmail.com.

[27] Parmênides (510-445 a. C.) foi um filósofo grego da Antiguidade, o primeiro pensador a discutir questões relativas ao "Ser", nasceu na colônia grega de Eleia, no litoral sudoeste da atual Itália, na Magna Grécia.

[28] Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um filósofo austríaco que contribuiu com colocações inovadoras para a filosofia moderna, nos campos da lógica, da filosofia

(2001, p. 129).

Logo, como podemos interpretar os acontecimentos futuros? Como podemos falar sobre o amanhã, já que, por definição, ele ainda não é? O escocês D. Hume[29], após concluir uma série de críticas à existência de milagres em suas *Investigações sobre o entendimento humano*, voltou sua atenção para aqueles que defendem a possibilidade de conhecermos a providência e os estados futuros, o que feriria completamente o princípio das relações de causa e efeito. Segundo ele, tudo que conhecemos dessa relação advém dos efeitos, que nos conduzem a suas prováveis causas, mas nunca partimos das causas para prever seus efeitos, pois isso demandaria um conhecimento completo da causa em questão.

Tudo se trata de compreender que toda nossa experiência decorre de nossa captação dos fenômenos por meio dos sentidos, ou seja, que é por meio da percepção do que nos aparece que obtemos os elementos necessários para entender a cadeia de razões que constitui a realidade. Mas, dos efeitos podemos conhecer a causa em sua integridade? Se sim, temos que afirmar que o efeito traz em seu aparecer tudo o que a causa é, ou pelo menos tudo que tal causa fez para gerar aquele efeito. Mas nesse ponto Hume (2004, p. 193) é direto: não há como conhecer nada além do que o efeito nos apresentou.

Fora dessa estrutura de causa e efeito não conhecemos nada. Nela o efeito detém tudo o que é possível conhecer da causa e nada mais, pois quando falamos de qualidades da causa que não foram apresentadas no efeito. Na verdade, não estamos realizando um ato de conhecimento, mas apenas conjecturando ou imaginando algo. Pensar em qualidades ou capacidades que a causa possui, além das que vimos nos efeitos, é uma suposição. Assim, não temos o poder de garantir qualquer previsão de estados futuros. Segundo o filósofo escocês, a única fonte de dados que possuímos é a experiência fornecida pelos efeitos, e neles não podemos apreender as causas a ponto de compreender o que elas poderiam fazer a

---

da linguagem e da mente.

[29] David Hume (1711-1776) foi um filósofo, historiador, ensaísta e diplomata escocês. Tornou-se conhecido por seu sistema filosófico baseado no empirismo, ceticismo e naturalismo.

mais do que fizeram até hoje. Isso porque não temos como saber pelos efeitos o que "poderiam" fazer as causas em suas qualidades ou capacidades por nós desconhecidas. *A causa deve possuir a proporção do efeito*: esse princípio limita nossa capacidade de fazer previsões de estados futuros. O futuro não é previsível. No máximo podemos colher dados e sistematizá-los de forma que nos indiquem que tais estados futuros podem acontecer, mas não há garantias de que acontecerão, e esse é o ponto de Hume.

Mais tarde, no século XIX, o alemão G. W. F. Hegel[30] imporá à filosofia a tarefa *de pintar seu cinza sobre o cinza da realidade*, alegando que assim como a *Coruja de Minerva*, que só pode levantar seu voo ao entardecer, a análise filosófica somente pode ser realizada sobre os fatos, ou seja, sobre o que aconteceu no presente que, ao contecer, tornou-se imediatamente passado, e por isso pode ser relembrado e analisado, pois já estaria determinado a ponto de ser objeto de nossa razão. Em um adendo a suas aulas, recolhido por um de seus alunos e, posteriormente, agregado à edição de sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, encontramos a seguinte sentença: "o presente concreto é o resultado do passado, e está prenhe do futuro" (HEGEL, 1997, §258, p. 60). Assim, nossos territórios de atuação seriam o presente e o passado, pois o futuro não nos seria analisável.

Para os futuros leitores, para quem esse texto aborda o passado, cabe salientar que o mesmo teve como mote um cenário crítico enfrentado pela humanidade no ano de 2020: estávamos em meio a uma crise de saúde, uma pandemia de um vírus agressivo em sua propagação e letalidade, que ainda não possuía um eficiente protocolo de tratamento ou vacina: o SARS-CoV-2, o novo coronavírus, causador da doença rotulada COVID-19[31]. O mesmo colhera, no momento de nossa escrita, cerca de 8.813 vidas no estado do Ceará, de onde escrevemos, 136.895

---

[30] Friedrich Hegel (1770-1831) foi um filósofo alemão, criador do sistema filosófico chamado idealismo absoluto, exercendo enorme influência na intelectualidade acadêmica prussiana. Seus discípulos dominaram todas as universidades da Alemanha em meados do século XIX.

[31] Para maiores informações sobre a origem e repercussões do novo coronavírus recomendamos a obra SENHORAS, Eloi Martins (Org.). COVID-19: Enfoques preventivos. Boa Vista: Editora UFRR, 2020.

vidas no Brasil[32], e mais de 943.433 vidas no mundo[33]. Isso tudo torna nossa tarefa aqui um desafio ainda maior. Refletir sobre nosso mundo pós-COVID-19 não deixa de ser uma *pré-visão*, uma tentativa de prever eventos e consequências de uma realidade que, para nós, ainda não passou. Nesse sentido, realizaríamos algo cuja complexidade espanta, por tudo que adiantamos no início de nosso texto. Mas se pensarmos um pouco, o que fazemos quando alguém nos pergunta quanto é 2 + 3? Cientes dos valores unitários de 2 e de 3, antes que a resposta nos seja dada, calculamos o resultado. Na posse do conhecimento dos valores unitários de 2 e 3, processamos a informação e chegamos ao número 5. Pois bem, o que propomos aqui é a realização de uma adição simples: analogamente, cientes do que sabemos em relação ao passado e do que estamos fazendo no presente, tentaremos prospectar um amanhã – ainda que mantenhamos a crítica de Hume debaixo do braço.

Partiremos então de uma questão: o que sabemos até aqui sobre nosso mundo em suas dimensões social, política, econômica e educacional? Para vislumbrar um possível amanhã propomos apreender essas dimensões, suas estruturas e suas desventuras. Partindo da premissa de que precisamos analisar o efeito para vislumbrar as causas, nos deteremos em ideias nucleadoras de nossa civilização ocidental e, especificamente, brasileira, e em suas distorções, que impactaram diretamente nosso *status quo*, mediando nossas escolhas e ações em um momento tão sombrio como o da pandemia que enfrentamos. Após isso, poderemos tecer uma reflexão sobre o que esperamos colher em nosso futuro.

O QUE SABEMOS SOBRE NOSSO MUNDO?

O que sabemos de nossa condição social? Sabemos que nosso processo civilizatório, tendo como pressuposto o adágio aristotélico de que *o homem é um animal social*, foi instituído por um contrato social (vide Hobbes, Locke, Rousseau), no qual em nome da preservação de direitos

---

[32] Painel Coronavírus Brasil, Ministério da Saúde, Brasil. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acessado em 21/09/2020.

[33] Folha informativa COVID-19, Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19. Acesso em: 21 set. 2020.

inalienáveis à nossa complexa convivência, nos submeteríamos ao cumprimento de deveres. Assumiríamos responsabilidades para com os outros, primando pelo reconhecimento de nossa condição humana. Esse sistema, de viés político e formativo, assumiu uma série de punições e privações como atos corretivos quando quebrássemos alguma cláusula desse contrato, visando nossa ressocialização e reinserção no mesmo. Eis aqui o mote para a teoria dos três poderes do Estado moderno apresentada por Monstesquieu[34] (2000, p. 167-178). No entanto, essa estrutura encontrou dificuldades em sua implementação e, ao propor uma igualdade de direitos e deveres, estabelecendo o ideal da cidadania e da justiça social, por conceito, não poderia permitir privilégios entre os concidadãos, sob o risco de uma elevação dos direitos de uns em detrimento dos de outros – outros estes que mesmo injustiçados deveriam manter seu compromisso com os deveres assumidos no contrato.

Assim, tornou-se comum, normal e ordinário, a existência de grupos sociais privilegiados e grupos sociais marginalizados, cuja marginalização se impunha como necessária para a preservação dos privilégios dos primeiros. É deveras complexo pensar como chegamos a isso, mas totalmente acessível a qualquer observador com boa vontade chegar a tais conclusões. A perversão de nosso contrato social é consequência de nosso assumir de ideias e discursos, carregados de ideologias, cuja adoção por nós somente foi possível por meio de uma perversão de nossa *dimensão política*.

E o que sabemos de nossa condição política? Sabemos que o homem é um animal político, ou seja, que possibilita sua existência com acordos e ações em prol do comum. Que essa condição política nos torna agentes na construção de nosso mundo, de nossa sociedade, de nossa comunidade. Assim, organizamos formas de participação política, e dentre as várias opções de governo, optamos no ocidente, em nossa maioria, pelo modelo democrático. Mas, assim como ocorreu com o contrato social, esse ideal de participação política fora apropriado por um grupo, cujo domínio ideológico possibilitou um verdadeiro assalto ao

[34] O Barão de La Brède e de Montesquieu, Charles-Louis de Secondat, nasceu em Bordéus, em 18 de janeiro de 1689. Foi magistrado durante 12 anos entre os anos de 1714 a 1726. Em 24 de janeiro de 1728, entrou para a Academia Francesa.

poder, limitando ou mesmo impedindo a participação política da maioria. A política passou a ser um jogo privativo, no qual nem todos possuem, ou deveriam possuir, condição de participar. Primeiramente porque exigiria "estômago", afinal a política ocorreria mediante jogos de poder (cf. MAQUIAVEL[35], 2009), corrupção de valores e debates ideológicos – gabinetes de narrativas tendenciosas (distorção dos fatos, mentiras, *fakenews* etc.), estratagemas e acordos obscuros (*corrupção*, *mensalões*, *toma lá da cá* etc.).

Assim, tornou-se comum, normal e ordinário tomá-la em uma condição quase mística para a maioria dos cidadãos como um "assunto que não se discute", por caracterizar um "covil de ladrões" e uma atividade "corrupta por natureza", da qual brasileiros, por exemplo, seriam obrigados a participar em dias específicos a cada biênio ou quadriênio – prevendo a possibilidade de abstenção mediante taxas ou multas, obviamente –, não correspondendo nos demais dias do ano ao nosso cotidiano. Passamos a receber informações diárias sobre os debates e ações políticas públicas, com as quais quase não nos identificamos, no sentido de que deveriam representar demandas coletivas, mas muitas surgem como demandas particulares de grupos específicos. Em nossa grande maioria, ficamos satisfeitos em não participar de um espaço que era próprio dos "políticos profissionais" – até a chegada das redes sociais na política, mas aí já é outra história... No entanto, essa decadência da política não seria possível sem um sistema econômico que, com segundos interesses, sustentasse e financiasse essa exclusão de agentes políticos.

Mas o que sabemos de nossa condição econômica? Sabemos que nossa capacidade de transformar os recursos naturais, por meio de técnicas e artes, impacta diretamente em nossa qualidade de vida, para a qual atribuímos valores e modalidades e comercialização. Visando estabelecer padrões para a troca de serviços e produtos, criamos moedas, dinheiro, e visamos gestar riquezas. Tais serviços e produtos poderiam ser repartidos em comum, primando pela igualdade e bem-estar social, mas percebemos que, quanto mais raros e exclusivos os tornássemos,

---

[35] Nicolau Maquiavel (1469-1527) foi um filósofo político, historiador, diplomata e escritor italiano, autor da obra-prima "O Príncipe". Foi profundo conhecedor da política da época, estudando-a em suas diferentes obras.

mais "riquezas" eles gerariam para os indivíduos que os portavam ou produziam. Surgiu, na perspectiva econômica, o afã das posses, do lucro. Inúmeras estruturas econômicas foram aplicadas às sociedades, e atualmente somos regidos pelo que se convencionou chamar *capitalismo neoliberal*, que tem na entidade "mercado" seu sujeito beneficiado. Segundo Emir Sader[36], isso fora consolidado por um sistema de venda e compra de mercadorias – tudo se tornou mercadoria, já denunciara K. Marx[37] (2013, p. 157-165) em seu *O Capital*! –, que para instalar-se teve a necessidade de afrouxar normas e regulamentações nos âmbitos sociais e políticos para saciar o já mencionado afã das posses, argumentando que tais amarras impediam "nosso" crescimento econômico. O grupo beneficiado por tais ações, os empresários/investidores, argumentava que um sistema igualitário frearia sua capacidade capital de investir, por isso privatizar, abrir os mercados nacionais à economia mundial, promover o Estado mínimo, diminuir investimentos em políticas sociais, seria algo benéfico ao "mercado", ainda que isso impusesse precariedade à vida do outro lado dessa equação capitalista: os trabalhadores/consumidores[38]. Tal desregulamentação ocasionou a transferência de "capitais" – a nova forma de falar das riquezas – dos

---

[36] No ensaio *Neoliberalismo – a cara do capitalismo contemporâneo – e pós-neoliberalismo*. Disponível em: https://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/Neoliberalismo-a-cara-do-capitalismo- contemporaneo-e-pos-neoliberalismo/2/23681. Acesso em: 21 set. 2020.

[37] Karl Marx (1818–1883) foi um filósofo alemão, criador das bases do pensamento comunista. Autor de "O Capital", uma síntese crítica do modo de funcionamento da economia capitalista vigente.

[38] Um bom exemplo disso está na aprovação da *PEC 241*, posterior *PEC 55*, apelidada de *PEC do Fim do Mundo*, em 2016, que modificou a Constituição para limitar os gastos do governo federal por 20 anos. Praticamente todo o orçamento que o governo usaria para pagar as despesas ordinárias e manter os serviços públicos foi congelado. Assim, o Brasil, em meio à mencionada pandemia, está com orçamento congelado, ainda que fosse ciente de que crianças continuariam a nascer e crescer, e que logicamente precisaríamos de mais escolas, de que a população continuaria a aumentar e envelhecer, o que demandaria mais serviços de saúde, assistência, segurança. Mas eis a lógica neoliberal, que custou um amanhã a tantos desde então, apresentada por Cátia Guimarães (EPSJV/Fiocruz) em sua reportagem *Mais perto do fim do mundo*. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/mais-perto-do-fim-do-mundo. Acesso em: 21 set. 2020.

setores produtivos (empresas/indústrias) ao setor especulativo, que era mais livre das amarras anteriormente mencionadas. Através do setor financeiro, obteriam mais lucros, mais liquidez e menos tributação.

Assim, tornou-se comum, normal e ordinário, pensar que o capital não foi feito para produzir, mas para acumular, e para acumular em meio a um processo finito de produção alguém teria que ganhar mais do que os outros. Criamos elites com riquezas e bolsões de miséria como partes constituintes de um sistema econômico[39], impactando diretamente em nossos problemas ambientais – ainda que não tenhamos certezas quanto ao marco zero da atual pandemia, o mais lógico é que o vírus seja consequência do avanço desvairado do humano na natureza[40]. Mas, para isso tudo ocorrer não seria preciso a aceitação da maioria? Finalmente, adentraremos no quarto e último elemento de nossa reflexão: o sistema educacional.

Enfim, o que sabemos sobre nosso sistema educacional? Podemos estabelecer a educação como um processo composto por três momentos: Alimentar, Conduzir e Criar. Alimentar porque é um processo de suprir as novas gerações com conhecimentos e valores socioculturais, fornecendo-lhes os elementos necessários a seu bom desenvolvimento físico, intelectual e moral. Conduzir porque é um processo de acompanhamento contínuo dos avanços e retrocessos do

---

[39] Como bem denuncia o filósofo cearense Manfredo A. Oliveira: "Neste contexto, o desemprego se tornou estrutural porque a forma atual do capitalismo não objetiva incluir toda a sociedade (pleno emprego) no mercado de trabalho e consumo, mas atua por exclusão: o custo da força de trabalho tem que diminuir. [...] O que importa é a abertura a novas frentes de expansão do capital. Isto levou estruturalmente à concentração da renda e da riqueza e à exclusão social, ao aumento das carências na educação, na saúde, na cultura, na degradação ambiental, na falta de moradias (o déficit habitacional do país atinge 7 milhões de famílias concentradas nos grupos com rendimentos de até 1,8 mil reais por mês)". Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591292-tracos-basicos-de-nossa- situacao-historica-conjuntura-2019. Acesso em: 21 set. 2020.

[40] Segundo o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres: "A COVID-19, que emanou da natureza, mostrou como a saúde humana está intimamente ligada com a relação que temos com o meio ambiente. À medida que invadimos a natureza e esgotamos habitats vitais, um número crescente de espécies está em risco. Incluindo a Humanidade e o futuro que queremos". Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/85820-onu-coronavirus-nos-mostra-como-nossa-saude-esta- vinculada-natureza. Acesso em: 21 set. 2020.

desenvolvimento do educando, no qual os mais experientes (professores), por já terem trilhado o caminho do saber e tendo-o por referência, guiam o educando no processo. Criar porque é um processo de fornecer aos educandos possibilidades para que possam, por seu próprio pensar e por suas próprias escolhas, criar seus próprios processos de participação e decisão nos assuntos que afetam suas vidas.

No entanto, nossa sociedade, influenciada pelos tópicos anteriores, estabeleceu *metas* de educação – e notaremos que nem todas elas se adéquam ao acima exposto –, algumas de cunho meramente técnico, baseadas apenas nas ideias básicas de ler, escrever e contar (realizar as quatro operações matemáticas básicas), nas quais as demais disciplinas seriam um adendo opcional oferecido aos alunos, pois antes se deveria responder a demandas do mundo do trabalho e, consequentemente, do sistema econômico vigente[41]; outras, que vão além da fórmula *ler, escrever e contar*, propõem algo a mais: a compreensão do que se lê, com clareza, concisão e capacidade de síntese na escrita, articulando habilidades e competências com as demais disciplinas curriculares: geografia, história, biologia, química, física; contando ainda com conhecimentos de línguas estrangeiras, educação física, artes, sociologia e filosofia.

Assim, constituímos sistemas educacionais que se resumem a formalidade de um currículo, cuja aplicação e viabilidade seria uma tentativa a ser realizada mediante as condições precárias de acesso a educação pública ou a alta oneração da educação privada. As derivações desse currículo básico almejariam uma formação hierárquica e continuada: 1) básica, 2) profissionalizante (técnico) e 3) universitária. Notemos que para cada classe social o mesmo currículo seria aplicado,

---

[41] Em 2014, a pesquisadora Mariana Medeiros Bernussi, em sua dissertação "Instituições internacionais e educação: a agenda do Banco Mundial e do *Education for All* no caso brasileiro", observa um verdadeiro contrassenso, que comprova tese aqui apresentada: o grande mandatário educacional no mundo era o Banco Mundial! Com seu projeto *Education for All*, o Banco Mundial definia os rumos da educação ao redor do mundo, e especialmente aqui no Brasil. Para maiores informações, a pesquisa está disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-13102014-170412/publico/Mariana_Medeiros_Bernussi.pdf. Acesso: em 21 set. 2020.

mas nem todas as condições de implementação seriam consideradas e/ou possibilitadas. Assim, ocorreu a perversão do ideal educativo em um processo seletivo "meritocrático", que concederia status social, econômico e político em nosso mundo.

Sabemos que o campo da educação abre mais possibilidades para que alguém, por conta própria, liberte-se dessa *matrix*, ou seja, dessa caverna imposta tão sistematicamente às classes menos abastadas; mas também sabemos que ele fora arquitetado por gerações para privilegiar um determinado grupo. Bem, a grande questão aqui é que se tornou comum, normal e ordinário, dividir tipos de educação dentre nós, que seriam apropriadas a cada classe social. Mas, por quê? Ora, L. Althusser[42] (1970, p. 41-52) já denunciava que a escola era um dos *Aparelhos ideológico do Estado*, o que poderia ser complementado pela sentença de M. Foucault[43] (1997, p. 119), em *Vigiar e Punir*, de que ela moldaria os tão necessários "corpos dóceis", adequados a aceitar tudo que apresentamos até aqui em silêncio e letargia.

É óbvio que a realidade é muito mais complexa do que fora até aqui exposto, mas podemos ficar com essas quatro chaves de leitura, e analisar como isso que sabemos, nosso primeiro elemento na somatória, moldou a atual resposta às urgentes demandas do presente, nosso segundo elemento, e que implicará na construção de um amanhã, resultado de nossa soma.

COMO ESTAMOS LIDANDO COM NOSSA SITUAÇÃO ATUAL?

Herdeiros de todas as consequências que apresentamos até aqui, ainda somos capazes de agir a partir de nossas não mencionadas conquistas. Para cada uma das dimensões que elucidamos possuímos conquistas extremamente relevantes para o aumento de nossa qualidade

---

[42] O filósofo francês Louis Althusser (1918-1990) encabeçou no marxismo a corrente estruturalista. O estruturalismo não definia isoladamente os elementos de um processo, de matiz histórico e econômico, mas apenas privilegiava a relação heterogênea e conflitiva que existiria entre eles.

[43] Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês contemporâneo que se dedicou à reflexão entre poder e conhecimento.

de vida – ainda que, evidentemente, nem todos tenham sido universalizados.

Na luta contra a já mencionada pandemia, nossas ciências, indústrias e setores comerciais e comunicativos atuaram, cada um em seu campo, de forma incansável para fornecer informações, produtos, tecnologias e propagar hábitos paliativos que preservassem, controlassem e cuidassem de nós, nos protegendo da disseminação e da letalidade da doença. Ainda considerando que as demais enfermidades e riscos à saúde não desapareceram por causa da COVID-19, cabe observar que nossos sistemas de saúde tiveram que absorver *mais essa* demanda. Sistemas esses que, no caso brasileiro, tiveram sua precariedade escancarada quanto à universalização do serviço. Lembram, caros leitores, do que sabemos sobre as quatro dimensões acima mencionadas? Pois bem, os sistemas sanitários sofreram as consequências da corrupção das mesmas. Considerando a triste realidade da subnotificação de casos, no mundo chegamos a 30.949.804 de infectados[44] , números que no Brasil pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) já demonstraram pode ser até 7 vezes maiores em centros urbanos do que vem sendo divulgado, o que nos leva a considerar que existem populações que estão completamente desguardadas contra os efeitos do vírus[45]. Nesse momento, populações que não possuem sistema universal de saúde, nem programas sociais ou políticas de seguro desemprego, estão em uma situação de calamidade ainda maior do que imaginamos. Nesse sentido, a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) estimou que, no atual contexto:

> a taxa de pobreza na região aumentaria em 4,4 pontos percentuais durante 2020, passando de 30,3% para 34,7%, o que significa um aumento de 29 milhões de pessoas em situação de pobreza. Por sua vez, a extrema pobreza cresceria 2,5 pontos percentuais, passando de 11,0% para 13,5%, o que representa um aumento de 16 milhões de pessoas.[46]

---

[44] Dados coletados em WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard, OMS. Disponível em: https://covid19.who.int/. Acesso em: 21 set. 2020.

[45] Dados da Pesquisa EPICOVID19-BR. Disponível em: http://epidemio-ufpel.org.br/uploads/downloads/276e0cffc2783c68f57b70920fd2acfb.pdf. Acesso em: 21 set. 2020.

[46] O que pode ser conferido em: https://www.cepal.org/pt-

Esses constituem níveis impensáveis ao próprio sistema capitalista em sua versão neoliberal, que por definição considera a exclusão como uma de suas engrenagens.

Diante disso, as ciências e os governos se mobilizaram e contaram com a capacidade de interpretação/compreensão de suas populações para as necessárias medidas para contenção dessa crise, a fim de posteriormente pensarem em uma recuperação nacional. Creio que no futuro não vos soará estranha a recomendação da *quarentena*, que visava frear o número de casos, justamente para não estrangular nossas redes hospitalares. Então, nossa ação, nesse sentido, pareceu ser um ponto tranquilo. Aceitaríamos o distanciamento social e suas restrições de deslocamento (*lockdown*), aceitaríamos o antes tão criticado convívio via redes sociais, aceitaríamos um mundo do trabalho remoto, no qual as férias coletivas seriam antecipadas, seguidas de reduções de jornadas de trabalho, dentre outras medidas para assegurar empregos e renda. Na educação, aceitaríamos o ensino remoto como método escolar e universitário.

Bem, podemos afirmar que as pessoas que aceitaram tais condições e compreenderam sua necessidade formaram um grupo (ao qual chamaremos "Grupo 1"), o grupo daqueles aos quais tais medidas puderam ser aplicadas e cobradas – não vamos entrar aqui no debate sobre o porquê pessoas que tiveram informação e condição para cumprir com esses protocolos básicos de prevenção não o fizeram, embora seja esse um debate necessário para entender as consequências herdadas por vosso tempo. Cabe salientar que os que estão fora desse grupo formaram um outro (ao qual chamaremos de "Grupo 2"). São eles: os trabalhadores informais e rurais, os desempregados, os pobres e miseráveis, e os grupos identitários, tais como indígenas, quilombolas, ciganos. A estes cobramos as mesmas obrigações mediante a pandemia. Mas isso foi algo justo? Afinal, assim acabamos por tratar os diferentes como iguais. Bem, não nos pareceu justo qualquer cobrança sócio-econômica-política a quem foi conscientemente por nós excluído do direito de participar de nosso resguardado *Estado de bem-estar social*. Na verdade, sua co-existência

---

br/comunicados/pandemia-covid-19-levara- maior-contracao-atividade-economica-historia-regiao-caira-53. Acesso em: 21 set. 2020.

conosco implicava em nós uma re-ação, pois sua condição de vulneráveis, párias (ARENDT[47], 2013), vidas nuas (AGAMBEN[48], 2002), impunha a cada um de nós um compromisso de atenuação de suas dores – "atenuar", porque sabemos que viver dói, mas não devia ser tanto assim... – então, nossas atuais ações de enfrentamento da pandemia estavam focadas em nosso bem-estar e o de nossas famílias e amigos, e, no caso de alguns de nós, partícipes do Grupo 1, em iniciativas de atenuação da falta do Estado na vida dos participes do famigerado Grupo 2.

No entanto, os principais líderes mundiais e as instituições de controle econômico mundial realizaram nesse momento algo nunca visto na história: a destinação de fundos públicos de socorro a suas populações no montante incrível de $160 bilhões do Banco Mundial[49], $ 2 trilhões dos EUA[50] e R$ 125 bilhões no Brasil[51]. Bastava-nos cobrar e fiscalizar a aplicação destes recursos em políticas públicas voltadas aos mais vulneráveis, certo? Mas não se esqueçam da perversão de nossa condição social, política, econômica e educacional. O impacto de nosso comum, de nosso normal, de nosso ordinário, sobre nossa resposta, a pandemia foi até agora angustiante. Teríamos que romper com essa pseudonormalidade, e para isso existem ações, nas quatro dimensões, muito viáveis a serem descritas no que segue, mas que permanecem em um estado de *deve ser* (KANT[52], 2007), configurando uma esperança

[47] Hannah Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.
[48] Giorgio Agamben nasceu em Roma em 1942. É um dos principais intelectuais de sua geração, autor de muitos livros. Sua obra, influenciada por Michel Foucault e Hannah Arendt, centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política.
[49] O que pode ser conferido em: https://www.worldbank.org/pt/news/factsheet/2020/06/02/world-banks-response-to-covid-19-coronavirus-in-africa. Acesso em: 21 set. 2020.
[50] Conferir em: https://br.reuters.com/article/idBRKBN21D1GM-OBRBS. Acesso em: 21 set. 2020.
[51]Conferir em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/02/senado-aprova-auxilio-de-r- 125-bilhoes-para-estados-e-municipios. Acesso em: 21 set. 2020.
[52] Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo alemão, articulador de um pensamento radicalmente crítico, que procurou determinar os limites da razão

mediante os rumos do amanhã que nos aguarda.

O QUE ESPERAMOS COLHER EM NOSSO FUTURO?

Se a pergunta fosse "O que queremos colher em nosso futuro?", a resposta seria propositiva, elencando algumas ações que poderíamos propor para melhorar e mudar os rumos que ora tomamos e nos arrependemos. Se conseguíssemos responder de forma mais eficiente a nossos problemas, poderíamos *esperar* um futuro melhor. Segundo Rodrigo Echecopar e Mariana Belmont, em seu ensaio *Como seria uma recuperação verde? Latino-americana e com justiça social*[53] , tentar escapar do abismo que a pandemia nos faz defrontar é algo vinculado à nossa capacidade de cooperar, seja na escala macro das relações internacionais entre os países, entre os poderes republicanos de nosso país, entre os entes federativos de nossa república, ou na escala micro de nosso bairro, nossa vizinhança, nosso ambiente de trabalho, nossa família, enfim, de nosso *ser no mundo*. Mas isso está relacionado a vários "*E se...*"

E se utilizássemos a globalização a nosso favor? Ou seja, *e se* impulsionássemos estratégias de desenvolvimento local, regional, nacional e internacional? *E se* os ganhos com essa atitude fossem utilizados para atenuar, e quem sabe até zerar, a situação do grupo 2? *E se* ampliássemos nossas atuais ações prioritárias voltadas aos mais vulneráveis: mulheres, crianças, população negra, sem terra, sem moradia, trabalhadores (formais e informais), agricultores familiares, comunidades quilombolas e povos indígenas e ciganos? As políticas públicas não deveriam, nesse momento, ser voltadas para proteção dos vulneráveis e diminuição de abismos socioeconômicos durante a crise? *E se* investíssemos os montantes destinados ao combate da pandemia na aquisição de melhores condições de educação, de saúde, de moradia e transporte coletivo? *E se* esse custo não fosse pago pelos já escassos recursos dos trabalhadores, mas fosse financiado por um fundo oriundo da taxação de grandes fortunas?

---

humana. Sua obra é considerada a pedra angular da filosofia moderna.

[53] Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-06-14/como-seria-uma-recuperacao-verde-latino-americana-e-com-justica-social.html. Acesso em: 21 set. 2020.

Pois bem, para cada *E se* levantado aqui, há propostas reais, encontradas em forma de *projetos de lei*, alguns aprovados, mas não efetivados ou eficazmente fiscalizados e respeitados, outros aguardando votação em nossas câmaras legislativas ou aguardando a sanção e atuação do executivo, e nesse caso faltando a análise e a exigência de realização sob as penas da lei pelo judiciário. *E se* tais ações fossem consolidadas e somadas a nosso retorno aos espaços sociais, políticos, econômicos e educacionais como agentes de transformação? O que seria o nosso amanhã?

Bem, mas essa, como dissemos, seria uma proposição de melhoria futura. Aqui focamos em vislumbrar o que será nosso amanhã pós-COVID-19 ao considerar nosso presente, e as previsões não são alentadoras. O mundo que conhecíamos realmente tornou-se passado, pois nossa vida cotidiana terá que ser reconfigurada a partir desse novo *status quo* sanitário. Essa reconfiguração tem que chegar às quatro dimensões que mencionamos aqui, pois as possibilidades futuras dependem de *manter* ou não nossa atual postura diante dessa crise.

Ao manter nossas estruturas sociais baseadas em fórmulas discriminantes e preconceituosas, se perpetuará uma forma estranhada de convivência (relacionar-se com), mais próxima a mera coexistência (existir ao mesmo tempo que), na qual o individualismo doentio e a ganância inescrupulosa tenderão a sufocar nossa vida social e nossa relação com o meio ambiente. A pandemia fez com que máscaras caíssem, e o que vimos nos assustou de início (o racismo, fascismo e a eugenia dos discursos, a intolerância religiosa e ideológica, a corrupção e destruição dos poderes do Estado, o escancarado descaso com o meio ambiente, a passionalidade violenta de indivíduos e corporações policiais etc.), mas, mais uma vez, tornamos tudo isso comum, normal e ordinário. Nos adaptamos, infelizmente, ao horror. E assim, o futuro de nossa estrutura social tende a ser regressão cada vez maior.

Ao manter nossas estruturas governamentais, sem uma reforma política e diplomática que atualize e corrija nosso atual modelo democrático, se perpetuará uma forma esdrúxula de fazer política, na qual se impõe uma situação de luta entre os poderes do Estado, e não a esperada harmonia entre os mesmos em prol da *res publica*. O futuro de nossos poderes republicanos é a descredibilitação, fruto da repugnante

ideia de uma ditadura de um destes, mal maior que enfraquece as instâncias democráticas do dito *Estado de direito*. E não há muita perspectiva para o que tomará o seu lugar. Nesse ano chave que está sendo 2020, assistimos atônitos inúmeros absurdos contra esse *Estado de direito*, algo que vai desde as cortes até as ágoras de debate e as cúpulas de decisão, respingando diretamente na vida comum, cada vez mais nua, mais suscetível a todo tipo de violência (física, psicológica, moral, institucional).

Ao manter nossas estruturas econômicas, não vislumbrando qualquer outro modelo no qual poderíamos orgulhosamente um dia ouvir "Entre eles **tudo era** em **comum**", como está no relato bíblico em *Atos dos Apóstolos* (At 4, 32), perpetuamos inúmeros males sociais e políticos. Tudo caminha para a continuidade de nossa aceitação da pobreza de muitos em nome da riqueza de poucos. Não é de se espantar que tenhamos inúmeras opções econômicas que não são consolidadas somente porque os que *têm* muito querem manter-se *ganhando* muito? Pois bem, nos próprios Fóruns Econômicos promovidos por governos, bancos e instituições financeiras, essas ideias de reformulação sistemática do capital e de sua previsível substituição estão surgindo como formas de frear, suspender ou evitar nossa irreversível derrocada econômica global, caso continuemos no atual modelo, e estes economistas (vide Amartya K. Sen, 2010) tem encontrado oposição e resistência desde os detentores do capital até os explorados por eles, via imposições ideológicas e colonialismos.

Ao manter nossas estruturas educacionais, na qual cada estrato social tem a educação que "merece", perpetuamos uma escola elitista e incapaz de realizar o ideal da Paidéia, de formação integral do ser humano, constituindo massas de intelectuais e técnicos desumanizados e populações desinformadas e acríticas. Aqui, tudo se resume a um investimento comum em prol de um ideal óbvio, mas deliberadamente abandonado, de formação humana. Todas as demais dimensões esbarram justamente na falta dessa escola bem estruturada, humanizada e comprometida, que por sua vez é assim por estar presa aos interesses de quem deseja manter tal *estado de coisas* (WITTGENSTEIN, 2001, p. 135).

Como não falamos de nada novo ou original – o que deve estarrecer ao leitor no futuro, principalmente se esse texto ainda for atual

no momento que o lê –, o que nos aguarda, pontualmente, em nosso pós-COVID-19 é a manutenção *de tudo isso que tá aí, tá ok?*[54]. Vislumbrar um futuro melhor ainda é algo preso aos inúmeros *E se...* que virão, e de sua efetivação, ou não. Por isso, concluímos retoricamente perguntando humilde e curiosamente a você que nos lê: *como foi o nosso amanhã?*

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de estado. Editorial Presença/Martins Fontes, Lisboa, 1970.

ARENDT, H. **Nós, os refugiados**. Luso-Sofia Press: Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio** (1830). Vol. II: Filosofia da Natureza. São Paulo: Loyola, 1997.

HUME, D. **Investigações sabre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007. MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. São Paulo: Madras, 2009.

MARX, K. **O Capital**: acrítica da economia política, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

[54] Frase de campanha do atual presidente brasileiro no momento de nossa escrita. Maiores informações no texto de Natália Abreu Damasceno para o *Le Monde – Diplomatique Brasil*. Disponível em: https://diplomatique.org.br/tem-que-mudar-tudo-isso-que-ta-ai-ta-ok/. Acesso em: 21 set. 2020.

PARMÊMIDES. Fragmentos. In: BORNHEIM, G. (Org.). **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998. pp. 53-59.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Lógico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 2001.